



Marta Leite Ferreira Texto

Autoridades de saúde colocam a hipótese de só dispensar o isolamento em pessoas vacinadas quando 90% da população de risco estiver inoculado. Opinião dos especialistas divide-se.

08 jul 2021, 00:27

As autoridades de saúde estão a estudar a possibilidade de dispensar quem já foi completamente vacinado de cumprir isolamento após o contacto com um caso positivo, mas apenas **quando cerca de 90% da população vulnerável em Portugal estiver imunizada** — um número que ainda é indicativo, mas que está em cima da mesa neste momento, avançou uma fonte próxima do processo ao Observador. Essa é a primeira prioridade, mas à qual se junta outra: mesmo atingindo essa percentagem, a nova diretiva só avança se uma percentagem elevada (qual em concreto ainda está em análise) dos outros grupos populacionais também já tiver sido vacinada.

Esta é uma mudança que **já está a ser equacionada desde que o Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC) emitiu um documento** sobre o impacto que a vacinação deve ter para permitir o relaxamento de medidas não farmacológicas, como a utilização obrigatória de máscara por pessoas imunizadas, o cumprimento do distanciamento físico ou o isolamento a que se deve sujeitar as pessoas caso contactem com um caso positivo de infeção pelo SARS-CoV-2.

O guia, intitulado “Orientação Provisória sobre os Benefícios da Vacinação Completa contra a Covid-19 para a Transmissão e Implicações em Intervenções Não-Farmacológicas” **foi lançado a 21 de abril** e admite que “à medida que o processo de vacinação avança, encoraja-se que haja recomendações baseadas na evidência, no sentido de a imunização poder permitir lentamente o relaxamento de intervenções não-

farmacológicas”. Esse relaxamento deve ser “gradual” e “baseado em avaliações de cuidados dos riscos envolvidos”.

*Uma fonte que acompanha este tema contactada pelo Observador explicou que o relaxamento das medida de isolamento só pode avançar quando "a cobertura vacinal for suficientemente grande para uma pessoa vacinada estar maioritariamente rodeada de outras pessoas que também já foram vacinadas" — sobretudo se os indivíduos em causa forem mais vulneráveis perante uma infeção por SARS-CoV-2.*

Os conselhos do ECDC são que, **num grupo de pessoas em que todas elas estão totalmente vacinadas, a utilização de máscara e o cumprimento do distanciamento físico podem ser dispensados**. Além disso, quando jovens adultos e de meia-idade se encontram com pessoas que não estão vacinadas, essas medidas também podem ser relaxadas se nenhuma das pessoas presentes tiver fatores de risco que aumente a probabilidade de desenvolver Covid-19 grave caso venha a ser infetada.

Quanto aos isolamentos de pessoas vacinadas após a exposição a um caso confirmado, o documento apela às autoridades nacionais a “continuar a seguir as orientações do ECDC” — ou seja, mantendo o isolamento tal como se a pessoa não tivesse sido vacinada. No entanto, o centro europeu também admite que “as autoridades de saúde podem considerar **realizar uma avaliação de risco caso a caso e considerar as pessoas totalmente vacinadas como contactos de baixo risco**”. São estas as recomendações que as autoridades de saúde estão a analisar para chegar a uma nova norma.

A avaliação do risco de um vacinado dependerá “**da situação epidemiológica local no que toca às variantes em circulação**, do tipo de vacina recebida [no caso de haver informações robustas sobre a eficácia dessa vacina para evitar a transmissão do vírus, um tema que ainda está envolto em incertezas] e da idade [porque as pessoas mais velhas e com comorbilidades podem desenvolver respostas imunitárias menos fortes com a vacina]”, assim como do “risco de transmissão posterior a pessoas vulneráveis”.

Uma fonte familiarizada com o tema contactada pelo Observador explicou que o relaxamento das medida de isolamento só pode avançar quando “**a cobertura vacinal for suficientemente grande** para uma pessoa vacinada estar maioritariamente rodeada de outras pessoas que também já foram vacinadas” — sobretudo se os indivíduos em causa forem mais vulneráveis perante uma infeção por SARS-CoV-2.

Este é “um momento de transição”: como a grande maioria de pessoas vulneráveis está vacinada — em termos de idade, por exemplo, o último relatório de vacinação indicava que 70% das pessoas com 50 anos ou mais já estava totalmente imunizada contra a Covid-19 — , já se começa a discutir essa alteração. Mas a variante delta retirou a confiança às autoridades de saúde para avançar para uma mudança por enquanto: “**Preferiu-se manter as coisas como estão enquanto se tenta perceber a eficácia das vacinas para a transmissão desta variante**”. Nem mesmo a chegada aos 70% da população

vacinada com pelo menos uma dose será garantia de que o isolamento pode ser levantado em quem já foi imunizado.

## Especialistas temem que isolamento em imunizados desencoraje a vacinação

Carla Nunes, diretora da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa, compreende que se mantenha a obrigatoriedade de cumprir isolamento quando se esteve em contacto com um caso positivo de infeção pelo SARS-CoV-2 — mesmo que já se esteja completamente vacinado contra a Covid-19. **“É uma perspetiva conservadora, uma questão de precaução”, explicou a epidemiologista.**

*Atualmente, as pessoas vacinadas têm de cumprir isolamento durante duas semanas, exceto se realizarem um teste com resultado negativo ao décimo dia. Mas Valter Fonseca, coordenador da Comissão Técnica de Vacinação Contra a Covid-19, admite que se podem "adaptar as medidas recomendadas para as pessoas vacinadas" se os dados sobre o impacto da transmissão variante delta na situação epidemiológica do país assim o permitirem.*

Mas é uma medida que não pode estar imposta para sempre, prossegue a especialista, e deve começar a ser dispensada quando uma percentagem mais significativa da população estiver completamente inoculada contra a Covid-19. **“Isto tem de ser uma decisão de curto prazo, um alinhamento num período sensível** em que há uma variante altamente transmissível em circulação”, considerou Carla Nunes.

A especialista em saúde pública recordou o esquema do queijo suíço, em que cada uma das camadas ajuda a impedir o contágio, sem que nenhuma seja 100% eficaz. A vacinação é uma dessas fatias e, tal como as outras, não assegura uma proteção total. Por isso, enquanto não se atingir a imunidade de grupo, o melhor é ser cauteloso: **“São medidas que interrompem pouco a economia,** assim como a utilização de máscara pelos vacinados. Não se perde em aguentar mais um pouco”, defendeu a epidemiologista.

Também Raquel Duarte, pneumologista e investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, concorda que os vacinados devem sujeitar-se ao mesmo isolamento que as pessoas não vacinadas quando contactem com um caso positivo: “A vacinação é muito eficaz em reduzir o risco de desenvolver uma forma grave da doença e da mortalidade, mas não evita a infeção. **A saúde pública tem a obrigação de avaliar o risco de exposição”.**

Atualmente, as pessoas vacinadas têm de cumprir isolamento durante duas semanas, exceto se realizarem um teste com resultado negativo ao décimo dia. Mas Valter Fonseca, coordenador da Comissão Técnica de Vacinação Contra a Covid-19, admite que se podem **“adaptar as medidas recomendadas para as pessoas vacinadas”** se os dados sobre o impacto da transmissão variante delta na situação epidemiológica do país assim o permitirem.

*Francisco Antunes, infecciólogista do Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, defende que, ao obrigar-se uma pessoa vacinada a cumprir precisamente as mesmas regras de isolamento que alguém não vacinado, "está a dar-se espaço ao negacionismo, às correntes de desconfiança em torno da vacinação".*

Manuel Carmo Gomes, epidemiologista da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, já tinha partilhado que **não concorda que a generalidade das pessoas totalmente vacinadas contra a Covid-19 seja obrigada a cumprir isolamento** profilático — exceto se os indivíduos desenvolverem sintomas, se estiverem imunossuprimidos (se tiver uma doença que afete o sistema imunitário ou tome medicamentos que o façam) ou se trabalharem em lares.

Em entrevista ao Observador, o perito concorda que a variante delta veio trazer mais incertezas: os estudos mais recentes sugerem que as vacinas são capazes de evitar a infeção pelo coronavírus na esmagadora maioria dos vacinados, mas muitos deles foram executados num momento em que a variante delta ainda não era dominante. **E há evidência de que as pessoas vacinadas, quando infetadas, desenvolvem cargas virais mais baixas**, mas isso não dá certezas sobre se a transmissão é travada, muito menos quando a variante dominante é a identificada originalmente na Índia.

Ainda assim, Manuel Carmo Gomes argumenta que “há um grau de proteção contra a infeção”, o que “dá algum suporte à recomendação para aliviar, de um modo geral, as pessoas completamente vacinadas de rastreios de rotina e do isolamento”. Mais: fazê-lo traz vantagens para **“diminuir o absentismo que as quarentenas causam e chamam a atenção para a importância de ser vacinado”**.

É este também o ponto de vista de Francisco Antunes, infecciólogista do Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, que em declarações ao Observador defendeu que, ao obrigar-se uma pessoa vacinada a cumprir precisamente as mesmas regras de isolamento de alguém não vacinado, **“está a dar-se espaço ao negacionismo, às correntes de desconfiança em torno da vacinação”**.

O médico alerta que, embora as vacinas não anulem totalmente o risco de transmissão do coronavírus, são capazes de o reduzir: **como a carga vírica é reduzida em relação aos indivíduos não vacinados, a transmissibilidade também deve ser menor**. Depois, mesmo que a pessoa fique efetivamente infetada, nos vacinados os mecanismos de defesa induzidos pela vacina atuam de forma imediata e conseguem controlar o vírus precocemente, evitando na maioria dos casos os quadros clínicos mais graves.

*Parte do incentivo para a vacinação deve ser relaxar as medidas para quem já a completou. "O isolamento tem um efeito do ponto de vista social e psicológico, afeta grandemente as pessoas e, se for obrigatório entre quem já recebeu as vacinas, coloca grandes dúvidas relativamente ao efeito vacinal", resumiu Francisco Antunes.*

Mas isso só é válido para quem já completou o esquema vacinal (uma dose para a vacina da Johnson&Johnson e duas para as vacinas da Pfizer, Moderna e AstraZeneca). Ora, **quanto mais pessoas estiverem completamente vacinadas, menor a probabilidade de surgirem novas mutações do SARS-CoV-2** — inclusivamente aquelas que podem dar origem a novas variantes de preocupação.

Por isso, e já que clinicamente os indivíduos estarão mais protegidos, parte do incentivo para a vacinação deve ser relaxar as medidas para quem já a completou: “O isolamento tem um efeito do ponto de vista social e psicológico, afeta grandemente as pessoas e, **se for obrigatório entre quem já recebeu as vacinas, coloca grandes dúvidas relativamente ao efeito vacinal**“, resume Francisco Antunes.